

VISÃO DO CORREIO

Democracia, ainda estou aqui

“Vamos sorrir, sim”. *Ainda Estou Aqui* conquistou o maior prêmio do cinema mundial, o Oscar, na categoria de melhor filme estrangeiro, com a obra do diretor Walter Salles. Um prêmio, até então, inédito para a cinematografia nacional, que encheu os brasileiros de orgulho e alegria: “Vamos sorrir, sim”. O Brasil é um país rico de talentos, nas mais diversas expressões da arte e da cultura. Em pleno carnaval, o país parou e abriu alas para assistir ao momento histórico que ocorreu no teatro Dolby Theatre, na cidade de Los Angeles, na Califórnia.

A torcida para que Fernanda Torres ganhasse o prêmio, como melhor atriz, era da maioria dos brasileiros. Mas ela pressentiu que não traria a estatueta. Em um gesto de sororidade, ela torceu pela atriz norte-americana Demi Moore, protagonista do filme *A Substância*, e que há 40 anos, como atriz de cinema, nunca foi premiada. Torres desejou, e foi atendida, que o Oscar fosse dado ao filme, pelo trabalho de Walter Salles, à Eunice Paiva, principal personagem, por ela interpretada, à família Paiva e a Marcelo Rubens Paiva, autor do livro que deu nome ao filme e a todos que participaram da produção.

O tema de *Ainda Estou Aqui* chega em momento em que o Brasil está dividido entre a democracia, como estabelecida pela Constituição Cidadã de 1988, e o retrocesso ao período mais obscuro e letal da história republicana, ao longo de 21 anos (1964-1985). O legado da ditadura foi terrível com supressão das liberdades individuais, tortura e morte aos não alinhados à brutalidade do regime, aos defensores da democracia, e social e economicamente estagnado. Em 1971, o ex-deputado Rubens Paiva foi uma das vítimas do regime e seu corpo nunca foi encontrado.

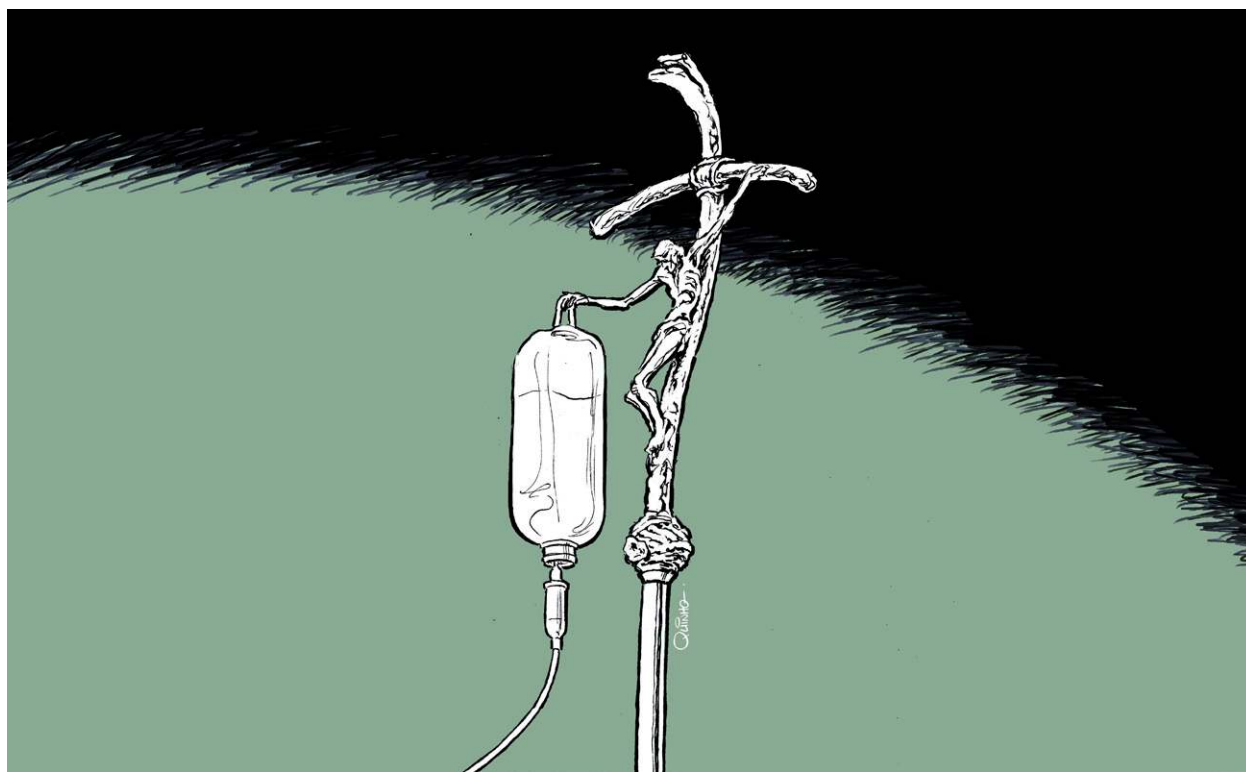
O filme ganha espaço no debate político, logo depois do terrível episódio de 8 de janeiro de 2023, quando ocorreu o atentado que visava amordaçar a democracia e ressuscitar a ditadura militar. *Ainda Estou*

Aqui provocou reflexão a mais de 5 milhões de pessoas que lhe assistiram, lotando as salas de cinema. O mais interessante é que *Ainda Estou Aqui* atraiu parcela expressiva de jovens, sem conhecimento real da ditadura, um regime de mãos de ferro e impiedoso.

Ainda Estou Aqui mexeu com a legislação brasileira. Hoje, o atestado de óbito dos mortos e desaparecidos reconhece que essas pessoas foram mortas pela violência do Estado — algo até então inimaginável — resultado da luta de Eunice Paiva. Antes mesmo do filme, o Ministério Público havia retirado dos escaninhos do passado processos abertos por familiares que tiveram seus entes queridos desaparecidos, torturados e mortos, cujos corpos nunca foram encontrados. O fato mais marcante, na década de 1970, foi a ação do Exército na Guerrilha do Araguaia, em que a oposição se organizou para o enfrentamento da ditadura. Mais de 60 pessoas foram mortas e os corpos, nunca encontrados.

Diante da provocação do MP, o Supremo Tribunal Federal reflete sobre a “ampla, geral e restrita anistia” dada a civis e militares que estiveram envolvidos com a tortura, morte e desaparecimento das vítimas da ditadura, por meio da Lei nº 6.683/1979, aprovada durante o regime militar. Na prática, a lei garantiu a impunidade a quem cometeu crimes políticos no período, e se tornou um marco para a redemocratização do país. A revisão poderá dar novo destino aos autores de atos, até então, tidos como fatos consumados.

Ainda Estou Aqui é mais do que um belíssimo e irretocável filme. Antes de tudo, é um alerta para que as instituições nunca mais se divorciem da democracia. Trata-se de um regime que “está aqui”, conquistado a duras penas, com perdas irreparáveis. Cabe a todos os brasileiros cultivá-lo para sempre e torná-lo melhor. Para isso, é preciso escrever um novo roteiro que valoriza e respeita a vida, promove igualdade, equidade social e econômica, rechaça todas as formas de preconceito e de violência entre os iguais.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Que orgulho!

Você foi lá e...vini, vidi e vici. Aaaaah, a vida presta, Nanda, Ôh se presta! A vida é feito um trem. Um trem das cores. Um trem para as estrelas. Um trem que indicializou o cinema. Um trem que os Lumière jamais imaginariam, à luz do nosso Cinema. Tio Paulo, na Tjuca, vaticinou: vai levar o Oscar! E lá vai o trem...Um trem que descortinou paisagens. Mãe, mulher, amiga, simplesmente, ela. Vagão por vagão, por vezes, descarrilhados. Lá vai ela, lá vai Fernanda. Nanda, para os que se acham íntimos. Daqueles que já trocaram olhares e lambidas de dentro da piscina vazia, com o rímel borrado e o coração na mão; até um jeito caipira que sorria de lado. Uma vida que escapa à cronologia para entardecer na tela. E lá vai ela. Suiu do Leme e subiu na estação Hollywood, Vim, vi e venci. Era latim, o escrito minúsculo do cigarro, lido com um sorriso gostoso, no canto da boca, na saída do cinema. Estrela. Atriz. Mulher. Passeia, dança, ri, sacaneia, desfila. Hoje só dá você, sapateando, no tapete vermelho, do tal templo do Cinema. That's all, folks! Repete comigo! É o Brasil fazendo bonito no Oscar! Take to the moon! Dá-lhe Fernanda! Ainda estamos aqui, te aplaudindo, de pé; na terra que um dia foi do cinema. Hoje é nossa terra. A vida é filme.

» **Rose May Carneiro**
Brasília

Cinema de primeira

O homem é o único animal que tem propósito consciente. Conquanto deve haver um conjunto de regras morais para todos, o homem deve ser livre para ser feliz à sua maneira, desde que respeite aos outros os mesmos direitos que reivindica para si. A democracia é o nosso maior patrimônio, e as tiranias que dominaram povos inteiros, sob as botas de ditadores sanguinários, em grande parte, fracassaram em impor o que cada pessoa pode, ou não, fazer. Invocando seu marxismo tropicalizado, o cineasta Glauber Rocha (1939-1981), uma das grandes figuras do Cinema Novo no Brasil, cunhou, como célebre orientação de trabalho, o lema: “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”. Nesse embalo, a vitória de *Ainda Estou Aqui* (2024), no Oscar de Melhor Filme Internacional”, em 2025, representa um marco histórico para o cinema brasileiro. Dirigido por Walter Salles, o filme conta a história de Eunice Paiva (1929-2018), uma advogada e ativista que dedicou décadas à busca pela

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Clima de fim de Copa na entrega do Oscar. Agora, é torcer por um resultado de Oscar no fim da Copa.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Liberdade de opinião reversa. Nas redes sociais, aliados do ex-presidente repreendem e criticam parlamentares da base bolsonarista que comemoraram a vitória do filme *Ainda Estou Aqui*, que conquistou o Oscar de melhor filme internacional.

Jurema Oliveira — Guará

Parabéns ao filme *Ainda Estou Aqui* por conquistar o Oscar de Melhor Filme internacional! Uma vitória histórica, que destaca o talento brasileiro e a importância de relembrarmos nossa história. Orgulho nacional!

José R. Pinheiro Filho — Asa Norte

verdade sobre o desaparecimento de seu marido durante a ditadura militar. Além de elevar a autoestima dos brasileiros, essa conquista pode inspirar e impulsionar a luta pelos direitos humanos e pela democracia, destacando a importância de contar histórias que abordem temas sociais e políticos relevantes. A vitória também deve alavancar a produção cinematográfica do país, atraindo mais investimentos e reconhecimento internacional para o talento brasileiro.

» **Marcos F. Lopes da Silva**
Asa Norte

Carnaval

É essa festa popular, criativa, tradicional & tal/ É essa folia que traz diversão e/ boa surpresa, mas também decepção/ Bom aproveitarmos as pausas, nas rotinas, algum plano revisar & boa leitura amplificar/ Farris e outras coisas pagãs se perdem nos amanhãs; vi, no lago, as armadilhas das jakanãs/ Que o carnaval nos mostre positividade nas tradições, coisas que esperamos em lúcidas ações/ Que as fantasias cheguem perto de nossas realidades, fabriquem pomposas cenas para todas idades!

» **Antônio Carlos S. Machado**
Águas Claras

Novo rumo

A social-democracia iniciou o milênio dominando todos os governos ocidentais, tanto na Europa quanto nas Américas. Em 2010, começou refluxo para a “direita” na Polônia, que avançou vertiginosamente em todo o Ocidente até atingir os Estados Unidos, em 2024. No mínimo, precisamos convir que os governos socialistas encaminhavam as coisas em certo rumo e a população indicava querer dirigir-se para outro. Exemplos claros: a guerra na Ucrânia e a migração descontrolada. Governo para um lado, população para outro. Honestamente, podemos classificar esse divórcio entre governo e população como divergência ideológica? Migração e guerra são questões objetivas que afetam, concretamente, o bem-estar das pessoas, e ideologias são visões conceituais usadas pelas elites na luta pelo poder. A população entendeu isso e não quer saber mais de governantes ideológicos — o que quer é governança competente dos seus reais interesses coletivos. O político que não entender isso pode pegar o seu boné e, honrosamente, voltar para casa — antes que seja convidado a fazê-lo.

» **Rubi Rodrigues**
Octogonal



RONAYRE NUNES
ronayrenunes@dabr.com.br

A estagiária, o presidente e o tempo

Ainda na tenra idade, lembro que, no fim da década de 1990, um verdadeiro escândalo tomou conta da mídia mundial: o presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, tinha um caso extraconjugal com uma estagiária da Casa Branca, Monica Lewinsky. Após tantos detalhes sórdidos circularem mundo afora — exatamente com o advento das redes sociais —, a mulher agora surge tentando recontar a própria história. O problema é: talvez ela não consiga.

Não é que Monica Lewinsky tenha desaparecido desde o escândalo. Existiram entrevistas, participações em programas, até mesmo livros que deram o lado da então jovem de 22 anos, que viveu uma relação amorosa com o homem mais poderoso do mundo — e 30 anos mais velho que ela.

A diferença é que agora, no fim da última semana, Monica deu uma das entrevistas mais profundas e sinceras sobre o assunto. Foi em um podcast, Call her daddy, que ouvimos um dos maiores escândalos da história sendo contado de uma forma tão íntima e próxima. Hoje com 51 anos, Monica diz que “perdeu o futuro” após o caso, e lembra com amargura sobre o tempo em que perdeu uma “queda de braço de poder” entre a própria narrativa sobre o caso e o lado dado por Clinton (que chegou a negar o caso com a jovem).

Chama a atenção, no relato de Monica, como foi o tratamento dado pela mídia sobre todo o caso. Segundo o relato da mulher, “nenhuma” história contada em incontáveis páginas de jornais foi “respeitosa”. Monica conta que a própria imagem foi tão

explorada, que um jornal norte-americano manteve uma média de 11 artigos por dia, durante o ano de 1998, citando o nome dela.

Ainda de acordo com o relato de Monica durante a participação no podcast, uma das piores coisas, durante a cobertura do caso, foi a forma superficial que usaram para explorar o assunto. Tópicos como a beleza da jovem, ou até mesmo o peso de Monica ultrapassaram o limite do respeito e fizeram uma nação lhe odiar bem além do caso que ela viveu com Clinton.

É curioso perceber que a mulher tem uma espécie de esperança de transmitir a própria mensagem em um novo mundo, para novas pessoas, de uma forma com menos julgamento. Mas será que é isso que realmente ocorrerá?

Em uma pesquisa pelo nome da mulher em buscadores da internet, fica claro que não. Não ocorreram tantas mudanças da cobertura exercida pelos jornais do fim dos anos 1990 em relação a hoje. Diversas matérias repercutindo a participação de Monica no podcast apelam para o sexo oral realizado no ex-presidente norte-americano ou outros detalhes que passam longe da mensagem de novos mundos dita pela mulher.

Pode até parecer um pouco frustrante para todos que escutaram a entrevista de Monica, mas quase 30 anos depois de um dos maiores escândalos da história contemporânea, a forma como o mundo enxerga e representa esse tipo de situação não mudou tanto. A história não será recontada. A estagiária, o presidente e o tempo não passaram quase nada.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

VENDA AVULSA
Localidade SEG/SÁB DOM

DF/GO R\$ 5,00 R\$ 7,00

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8945 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anúncio
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

ASSINATURAS*
SEG a DOM

R\$ 899,88

360 EDIÇÕES
(promocional)

S.A. CORREIO BRAZILIENSE - Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFE Agência Estado e DA Press. Tel: (61) 3214-1131



DA Press Multimídia para pesquisa em jornais e cópias: Atendimento pessoalmente para assinatura em jornais e cópias: SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo: Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/ sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h. Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568. E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br